



Cartas de Quilombolas:
o que dizem as/os estudantes da
Escola Nacional de Formação de
Meninas Quilombolas da CONAQ?







Introdução

A luta pela educação quilombola é antiga. Basta pensarmos que há quase 30 anos, em 1995, a carta do I Encontro Nacional de Quilombos organizado pela Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais (CONAQ) já trazia como um dos objetivos lutar pelo direito a uma educação “adaptada à realidade das comunidades negras rurais quilombolas, com elaboração de material didático específico e a formação e aperfeiçoamento de professores”. De 1995 para cá, não dá para negar que muitos avanços ocorreram. A luta da CONAQ e do seu Coletivo Nacional de Educação tem contribuído para introduzir mudanças importantes nas matrizes curriculares da educação. Foram marcos desse processo a alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9394/96) para a inclusão da história africana, afro-brasileira e indígena e a elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica (Resolução nº 08) pelo Conselho Nacional de Educação em 2012.

Doze anos se passaram desde a publicação das Diretrizes da Educação Escolar Quilombola e ainda não vemos essa modalidade de ensino plenamente implementada. As escolas em áreas quilombolas são insuficientes e são aquelas que se apresentam com infraestrutura e recursos mais precários. Os índices de rendimento e distorção idade-série dos estudantes quilombolas indicam a necessidade de maior atenção e investimento nas trajetórias desses estudantes. Ainda, há um longo caminho a percorrer para atender adequadamente a demanda de formação de professoras e professores de escolas quilombolas e assegurar



que estudantes quilombolas alcancem efetivamente as oportunidades para ingressar nas universidades, se assim desejarem.

O quadro das desigualdades sofridas por quilombolas na educação já é conhecido e está demonstrado em indicadores e nos dados no censo de educação sobre, mas como é enfrentar um dia a dia de desvantagens e sonhar com um futuro melhor?

Como estudantes quilombolas vivem a oportunidade de estudar e as dificuldades e deficiências da política pública nas suas comunidades?

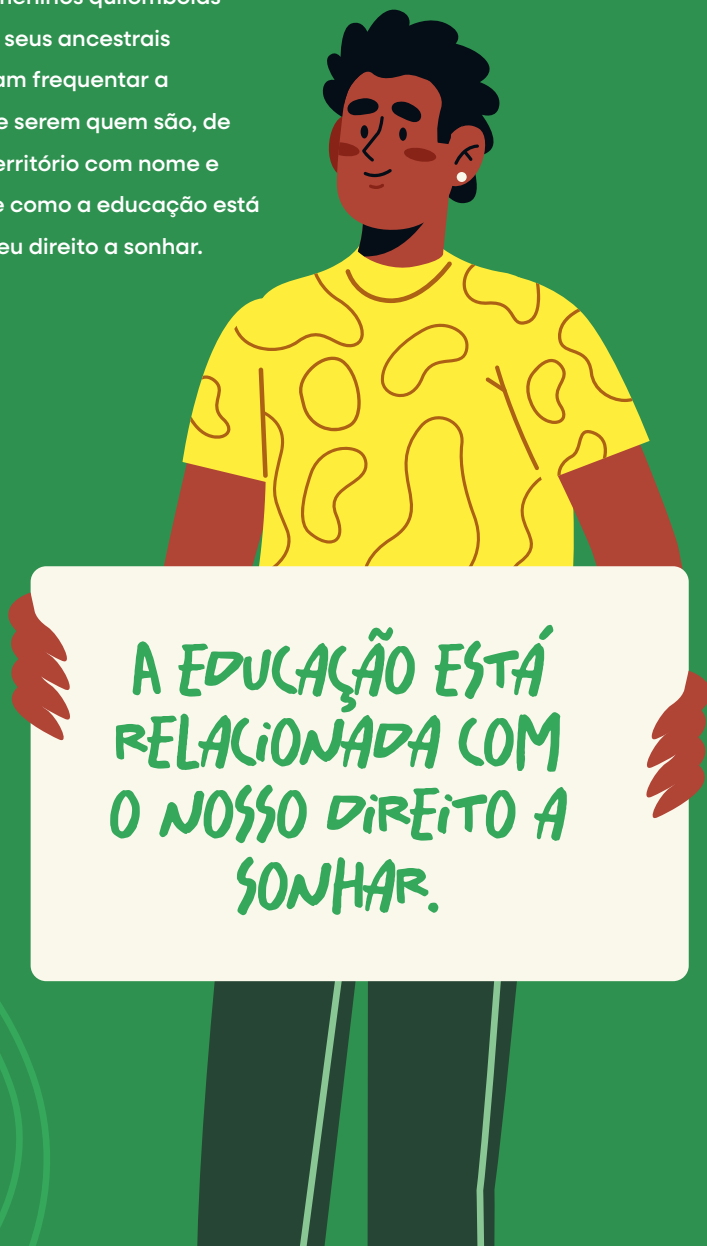


A Escola Nacional de Formação de Meninas Quilombolas perguntou às meninas e aos meninos quilombolas o que significa ser estudante quilombola. Na seleção para participar da Escola, as meninas e meninos fizeram uma redação sobre esse tema, fornecendo uma perspectiva única do que significa a educação quilombola para quem vive no quilombo e transita todos os dias pelas escolas, sejam quilombolas, rurais ou urbanas, em busca de um futuro melhor.

A seguir, apresentamos trechos das redações das meninas e meninos da primeira turma da Escola Nacional de Formação de Meninas Quilombolas. As vozes das meninas e dos meninos mostram como o racismo no ambiente escolar e o racismo institucional são problemas cotidianos para quem é quilombola. Falam das dificuldades de uma oferta de educação precária e empobrecida por falta de políticas adequadas.



As meninas e os meninos quilombolas
falam dos sonhos de seus ancestrais
para que, hoje, possam frequentar a
escola; do orgulho de serem quem são, de
pertencerem a um território com nome e
identidade própria; e como a educação está
relacionada com o seu direito a sonhar.



A EDUCAÇÃO ESTÁ
RELACIONADA COM
O NOSSO DIREITO A
SONHAR.



As cartas das meninas e meninos quilombolas

Durante a seleção de estudantes para a primeira turma da Escola Nacional de Formação de Meninas Quilombolas, em 2022, mais de 400 estudantes participaram e enviaram redações respondendo à pergunta: o que é ser estudante quilombola?



Escreveram redação meninas e meninos quilombolas de mais de 20 estados brasileiros (Amazonas, Espírito Santo, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, São Paulo, Mato Grosso, Santa Catarina, Amapá, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Tocantins, Alagoas, Pará, Paraíba, Bahia, Goiás, Maranhão, Piauí e Minas Gerais). As e os participantes estavam cursando os anos finais do Ensino Fundamental e/ou os anos iniciais do Ensino Médio. Em geral, as cartas refletem a experiência de jovens quilombolas que tiveram a oportunidade de estudar alguns anos do Ensino Fundamental no Quilombo, em escolas localizadas em áreas quilombolas, e que, em algum momento do Ensino Fundamental e/ou na passagem para o Ensino Médio, se viram forçadas/os a deslocarem-se para frequentar escolas rurais ou escolas nas cidades. Em alguns raros casos, as e os estudantes tiveram a oportunidade de receber a formação integral da Educação Básica em uma escola localizada em território quilombola.

As meninas e meninos quilombolas escreveram de forma livre sobre os seus modos de vida, as dificuldades que enfrentam para acessarem e manterem-se nas escolas. As cartas falam dos desafios de quem vive o dia a dia de escolas quilombolas, escolas rurais e escolas das cidades no interior do país: a falta de infraestrutura; a falta de transporte escolar e merenda adequadas; currículo e materiais didáticos inadequados a uma pedagogia centrada nas práticas, nos modos de vida e na história dos quilombos.



O enfrentamento do racismo contra Quilombolas

As vivências dentro das comunidades e das escolas provam que jovens estudantes quilombolas enfrentam muitas barreiras não só para estudar, mas para serem quem são. Nas cartas sobre o que significa ser estudante quilombola, o fato de terem que lidar ou enfrentar constantemente preconceitos raciais foi citado mais de 70 vezes.

Nas cartas, as meninas quilombolas afirmam que são obrigadas a terem que lutar desde muito cedo para serem respeitadas e terem sua forma de ser e seus modos de vida valorizados dentro e fora da escola.

Desde muito cedo, pessoas quilombolas são expostas a diversas violações e hostilidades. Seja a desvalorização da sua cultura, a falta de respeito pela sua identidade. Os comentários depreciativos acerca da cor da sua pele e, em especial no caso das meninas, em relação aos seus cabelos.

A expectativa social de que meninas correspondam a determinados comportamentos, pré-estabelecidos como os mais apropriados a uma mulher, numa lógica patriarcal, também limita o seu potencial e a possibilidade de desenvolverem-se com liberdade e autonomia.





“Desde pequena aprendi que temos que lutar pelos nossos direitos e que somos guardiões do nosso território. Tenho muito a aprender e fazer com que nós sejamos reconhecidos e valorizados pela sociedade”.

Ana Laura Donato dos Santos, 18 anos

UFSCAR - Administração, Quilombo Porto Velho (SP)



“Um dos desafios de ser estudante quilombola é muitas vezes sofrer preconceito racial por conta de nossos cabelos, nossas cores de pele e nossa raça. São poucas escolas que têm o diálogo sobre a identidade e cultura quilombola”.

Maria Clara Nascimento de Oliveira, 17 anos

estudante universitária, Quilombo Dilô Barbosa (ES)

A importância da educação **escolar quilombola** na formação das e dos mais jovens

As escolas quilombolas devem ser adequadas para as realidades das e dos estudantes e precisam respeitar os modos de vida dos quilombos. Como estabelecem as Diretrizes Nacionais da Educação Quilombola, a Educação Escolar Quilombola fundamenta-se na memória coletiva, na territorialidade e ancestralidade, nas práticas culturais, nas tecnologias e formas de produção do trabalho, nos acervos e repertórios orais e nos festejos, usos e tradições e demais elementos que constituem o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país.

Nem todos os territórios quilombolas contam com escolas. As escolas quilombolas ofertam, na sua esmagadora maioria, a educação básica e fundamental. São poucas as escolas quilombolas no país que oferecem o ensino médio.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica determinam que a Educação Escolar Quilombola é uma responsabilidade do Estado brasileiro. Uma obrigação que decorre da nossa Constituição. Em suas cartas, as meninas e meninos falam sobre o não cumprimento do direito a uma educação adequada à sua realidade.



“Não temos uma escola capacitada para dar uma educação quilombola para as crianças, nem para os jovens. Eu e outros da comunidade temos que nos deslocar do nosso território com muita dificuldade para ir até outra escola. E nessa escola também não temos educação escolar quilombola”

Thamyras Nathalya de Carvalho Araújo, 18 anos

estudante universitária, Quilombo Novo Buíque (PE)

“Ser estudante quilombola é saber o valor da nossa cultura. A escola deveria preservar nossa cultura e história, que foram repassados do nosso povo para nossos pais e para nós”.

Abraão Caetano de Araújo, 16 anos

1º ano do Ensino Médio, Quilombo Praia de Sibaúma (RN)



**EDUCAÇÃO
ESCOLAR**



**QUILOM
BOLA**

As barreiras físicas no acesso à educação

As dificuldades de estudantes quilombolas começam mesmo antes de chegar às escolas. A falta de transporte escolar, ônibus escolares em condições precárias e lotados, estradas em péssimas condições, entre outros problemas, foram mencionados mais de 50 vezes nas cartas. O problema não se resume às dificuldades de deslocamento, mas também ao fato de que o aproveitamento escolar fica prejudicado quando estudantes já chegam exaustos na escola, depois de longos trajetos, que fazem em péssimas condições e, muitas vezes, em pé.

A falta de merenda escolar ou merenda inadequada, bem como a falta de espaços e materiais adequados para estudar também foram mencionados. As e os estudantes ainda apontaram a falta de livros didáticos - principais materiais de apoio à prática educativa aos alunos e professores das escolas públicas de educação básica.

“Ser menina quilombola é saber contar e recontar todos os dias a sua história, reconhecer sua ancestralidade, não desistir de sonhar com as mudanças mesmo diante da ausência de políticas públicas. Por exemplo: não temos creche, não temos internet, nem local para a prática de esporte. Não há um bom restaurante, nem água potável de qualidade ou saneamento básico. Convivemos com uma exclusão digital. Porém vivo cercada pela natureza exuberante, pela fartura de pescado e melancia, açaí, cacau, ao lado da minha família, participando de um projeto social coletivo para melhorar a vida de todas as meninas quilombolas da minha comunidade”.

Laura Caroline Santos Martel, 17 anos

3º ano do Ensino Médio, Quilombo Vila Velha (AP)

Ser estudante quilombola é...



Ser o sonho dos **seus ancestrais**

“Ser estudante pode ser uma obrigação diária para as crianças do nosso país, mas para nós, estudantes quilombolas, o verbo estudar é bem mais que uma simples palavra: é uma das vitórias mais importantes conquistadas por nossos ancestrais”.

Emely Rodrigues dos Santos, 15 anos

1º Ano do Ensino Médio, Quilombo Boa Fé (AM)

“Ser estudante quilombola é uma honra. Hoje temos mais oportunidade que antigamente. Ouvi muitas histórias de meus avós que queriam poder estudar mas não tinham essa chance pois tinham que abandonar as escolas para trabalhar e ajudar seus pais”.

Ana Laura Donato dos Santos, 18 anos

UFSCAR - Administração, Quilombo Porto Velho (SP)



Respeitar o Quilombo, sua história e os conhecimentos ancestrais



“Minha avó ainda utiliza talha de barro. A água sai geladinha! Gosto de conversar com as pessoas mais velhas. Elas têm mais experiência sobre as coisas que aconteceram no quilombo. Viver no quilombo é uma experiência ótima, mesmo não tendo tantos recursos. Uma das melhores coisas é que você tem tudo que plantar”.

Carlos Eduardo Martins do Espírito Santo, 18 anos

3º Ano do Ensino Médio, Quilombo Lagoa Fea
Campos dos Goytacazes (RJ)



Saber que a força de resistir vem da memória e das raízes



“Ser estudante quilombola não é fácil, mas quer saber? É isso que nos torna especiais e cada dia mais fortes! Temos história para contar! Vivemos de memórias. Eu me orgulho das minhas raízes e isso sempre me fortalece”.

Micaelly Estefanny de J. G. Calixto, 16 anos


2º ano do Ensino Médio, Quilombo Linharinho (ES)

“Ser uma estudante quilombola muitas vezes nos faz pensar nas qualidades e nos valores que nós temos enquanto povos diferentes. Mas isso não me torna mais importante ou menos importante que ninguém, mas me oportuniza descobrir e mostrar também as nossas qualidades enquanto povos com uma identidade específica. É essa identidade que me faz ser, sentir e valorizar quem sou hoje”.

Vanessa Morteira da Conceição, 18 anos

estudante universitária, Quilombo Kalunga (GO)






“Eu sei o valor que é ser uma quilombola e também aprendi a respeitar a história dos antepassados. Aprendi sobre a cultura e suas histórias. Hoje as coisas melhoraram um pouco mais e estamos conseguindo nossos direitos aos poucos. Os jovens estão desinteressados da nossa cultura. Nem querem mais ser vistos de enxada na mão porque é vergonhoso. Temos que lutar para que isso seja motivo de orgulho para nós”.

Erika Ferreira Moraes, 15 anos

1º ano do Ensino Médio, Quilombo Sumidouro (MA)




**Saber, desde muito cedo,
que há desafios e obstáculos que
só quilombolas têm que enfrentar**

“Ser estudante quilombola é passar por obstáculos na vida, é enfrentar muita coisa pela frente, mas nós conseguimos”.

Silvia da Silva Trindade, 16 anos

1º ano do Ensino Médio,
Quilombo Santa Tereza do Matupiri (AM)



“A vida de uma estudante quilombola requer superar desafios, dentre eles, ter o meu potencial desacreditado, devido à minha origem e condição financeira. Desde muito cedo, percebi que a perseverança é um caminho”

Ana Keure de Castro Silva, 18 anos



3º ano do Ensino mediado tecnológico, Quilombo Sta Tereza de Matupiri (AM)

Saber que o racismo e preconceito bloqueiam oportunidades e empurram quilombolas para o final da fila

“Não é fácil ser quilombola nas escolas, ter que estudar algumas matérias que contam a história dos negros totalmente errada e de forma distorcida, tornando uma grande dor para a construção da nossa identidade. Ser mulher preta e quilombola é ainda mais difícil, temos que enfrentar muitas barreiras para conseguir chegar onde queremos e o estudo é a chance que temos para conseguir ter uma qualidade de vida melhor e ter uma voz ativa”.

Ana Laura Donato dos Santos, 18 anos



UFSCAR - Administração, Quilombo Porto Velho (SP)



“Ser estudante quilombola é muito difícil, pois enfrento o preconceito na pele todos os dias por causa da cor, dos cabelos, e principalmente por morar no quilombo. Aqui, não tenho acesso à internet e não disponho de um aparelho celular, o que dificulta muito ler os materiais que são disponibilizados nos grupos de whatsapp. Vejo isso também como uma maneira de sofrer o preconceito, pois na atualidade, quem não tem acesso às informações digitais sempre fica no fim da fila”.

Dhonata Castro Nunes, 17 anos

2º ano do Ensino Médio, Quilombo do Rosário (PA)



A educação que alimenta sonhos

Para estudantes quilombolas, os sonhos têm dois fundamentos: o orgulho de ser quilombola e saber aproveitar as oportunidades que foram negadas aos seus antepassados. Nos seus testemunhos, as e os estudantes reforçam que a educação é a principal oportunidade que abre caminho para sonharem sobre o futuro. Ao mesmo tempo, salientam que essa educação tem que corresponder ao seu sentido de estar no mundo: a valorização de quem são e fortalecimento do seu quilombo, enquanto força coletiva.

“Estudantes quilombolas não têm as mesmas ferramentas, mas têm os mesmo sonhos, de serem úteis na sociedade como professor, doutor, advogados e outros. Por falta de espaços, materiais específicos e adequados, tecnologia, não conseguimos alcançar o nível de conhecimento esperado, concluir os estudos e ingressar nas universidades”.

Emely Rodrigues dos Santos, 15 anos

1º Ano do Ensino Médio, Quilombo Boa Fé (AM)

“Todas nós temos um sonho, que por muitas vezes não temos a oportunidade de concretizar devido aos fatores sociais e lutas do dia a dia. A escola tem que ser motivadora e mediadora. Tem que contribuir e ir além quando olha para os nossos povos”.

Maria Cláudia Nascimento de Oliveira, 17 anos

estudante universitária, Quilombo Diló Barbosa (ES)



“Jamais pensei em desistir dos meus sonhos, observo sempre a oportunidade que eu tenho e que os meus parentes não tiveram. Muitos tiveram que optar pelo trabalho e pelo sustento aos estudos. Eu luto para mudar esse destino. Vou alternando o tempo de trabalho e estudo. De manhã estou na roça ajudando meus parentes e à tarde estou na sala de aula”.

Ana Keure de Castro Silva, 18 anos

3º ano do Ensino mediado tecnológico, Quilombo Sta Tereza de Matupiri (AM)



“Sonho em me aprofundar em conhecimento e, se Deus permitir, em estudos para que eu possa fazer faculdade, me formar e ajudar meu povo. Meu povo tem direitos e deveres, mas não tem a arma do conhecimento para lutar e acabam se deparando com obstáculos que não conseguem ultrapassar por não saber dominar as leis ou conhecimento suficiente para debater e expor seus questionamentos”

Ana Luiza M. Demérito, 17 anos

2º ano do Ensino Médio, Quilombo Gerais Velho Ubaí (MG)

“Ser uma estudante quilombola é sem dúvida um grande desafio e um dos maiores motivos para sonhar e me orgulhar de quem nós somos. Os desafios vividos nos quilombos me provocam a querer estudar ainda mais, pois é necessário vencermos as barreiras do preconceito ainda imposto sobre nós. Neste sentido, ser uma estudante quilombola me permite ajudar no resgate, e mais que isso, na valorização e fortalecimento da nossa identidade para a garantia de um mundo mais justo com igualdade em todos os aspectos da nossa vida”.

Vanessa Moreira da Conceição, 18 anos

estudante universitária, Quilombo Kalunga (GO)



A escola que queremos

Nas suas cartas, meninas e meninos quilombolas elaboraram não só sobre a escola que têm, como também sobre a escola que gostariam de ter. Uma escola que continue o sonho dos antepassados por liberdade e justiça e afirme os valores, a história e o papel dos quilombos na sociedade brasileira.

Uma escola:

Que combata o racismo todos os dias e não só no dia 20 de novembro



“Gostaria muito que em minha comunidade tivesse uma escola que abordasse tudo que é importante na história quilombola, e que nos conscientizasse, refletindo que o dia da consciência negra não é só dia 20 de novembro, mas, sim, sim todos os dias”.

Maria Clara Nascimento de Oliveira, 17 anos

estudante universitária, Quilombo Dilô Barbosa (ES)



“Precisamos seguir em frente e lutar contra o preconceito e o racismo. Esses temas têm que ser trabalhados na escola, pois, a cada dia que passa, mais pessoas pretas morrem, não somos tratados iguais às pessoas brancas e tiram nossos direitos e liberdade”.

Myllena Cruz Ricardo, 16 anos

2º ano do Ensino Médio, Quilombo Dores de Macabu (RJ)

Que saiba contar a história dos
quilombos e o **seu papel**
na construção do Brasil de hoje



“Ser estudante quilombola me faz ter representatividade. Posso ajudar minha comunidade em várias questões. Atualmente estudo na cidade, por lá, vejo como nossa história é contada de forma diferente do que ouço dentro do meu território”.

Micaelly Estefanny de Jesus Gomes Calixto, 16 anos

2º ano do Ensino Médio, Quilombo Linharinho (ES)

“Nossa cultura vem sofrendo inúmeras retaliações ao ser silenciada e não repassada para os mais jovens. A escola deveria nos ajudar a divulgar nossa história, que jamais deve ser esquecida”.

Abraão Caetano de Araújo, 16 anos

1º ano do Ensino Médio, Quilombo Praia de Sibaúma (RN)



Que aplique a educação escolar quilombola como modalidade de educação diferenciada

“Na minha escola, a Escola Estadual Quilombola Professora Rosa Doralina Mendes, e nas outras duas escolas quilombolas de Conceição das Crioulas o ensino é específico quilombola e voltado à cultura da comunidade, porque a educação e a cultura andam juntas para formar os estudantes da comunidade. Estudar em uma escola quilombola é saber que fará um ensino totalmente diferenciado do ensino comum, não apenas preparar estudantes para os vestibulares, mas entregar uma educação rica em conhecimentos culturais da comunidade”.

María Leontina Nunes Freitas, 18 anos

estudante universitária, Quilombo Conceição das Crioulas (PE)



Que saiba valorizar a cultura, os valores e o protagonismo quilombolas e que combata o racismo contra quilombolas no ambiente escolar

“Como não estudamos em uma escola quilombola, não se ensina aos estudantes a valorização e a afirmação dos valores étnico-raciais. Não temos uma educação voltada e pensada para estudantes quilombolas. Ser um estudante quilombola em uma escola que não é quilombola, e estar rodeado diariamente de pessoas de diferentes lugares e às vezes estar sujeita a passar por situações desconfortáveis. Ver outras pessoas com um sorriso sarcástico e malicioso no rosto, tentando nos desmerecer ou diminuir, com comentários em que são perceptíveis a maldade e a falta de respeito”.

Thaísa Alves dos Santos, 18 anos

estudante universitária, Quilombo Maria Preta (BA)

“No que concerne em ser estudante quilombola é um desafio implacável para todos nós enquanto participantes dessa história. Temos que enfrentar a desigualdade no sistema educacional e o descaso público, além disso somos impulsionados a ver nossa história ser contada como se fossemos apenas telespectadores e não protagonistas dela”.

Débora Fernanda Mafra FONSECA, 17 anos

3º Ano do Ensino Médio, Quilombo Bom-Viver (MA)

A Escola Nacional de Formação de Meninas Quilombolas

Fundada em 21 de novembro de 2022, a Escola Nacional de Formação de Meninas Quilombolas é uma iniciativa do Coletivo Nacional de Educação da CONAQ que tem como objetivo erguer as vozes de meninas quilombolas para uma incidência política qualificada pelo direito à educação.

Vítimas de múltiplas violências de gênero e raça, meninas e mulheres quilombolas têm que enfrentar muitos desafios para não deixar de estudar. Diante de defasagens e desigualdades, o projeto fortalece o ativismo pelo direito à educação nos territórios quilombolas, valorizando a produção de conhecimento intergeracional entre grãos, mestras e mestres do saber quilombolas e jovens.

A Escola oferece um programa de formação complementar, com objetivo de fortalecer o protagonismo das meninas quilombolas na luta pelos seus direitos, principalmente o acesso a uma educação quilombola diferenciada e com qualidade.

A primeira turma da Escola foi selecionada em 2022 e é composta por 39 meninas e 11 meninos quilombolas com idade entre 15 e 18 anos, estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental e dos anos iniciais do Ensino Médio, além de 40 professoras e professores que atuam na educação escolar quilombola, preferencialmente encarregados de ensino nos anos finais do Ensino Fundamental II e anos iniciais do Ensino Médio.







Fortalecer o ativismo
pelo direito à educação
nos territórios quilombolas



A vídeo carta das meninas quilombolas na **luta por educação de qualidade**

As reivindicações e elaborações das meninas e meninos da Escola Nacional sobre educação quilombola foram convertidas em uma vídeo carta. Esse texto-denúncia com reivindicações por educação quilombola e de qualidade faz parte da Campanha Nacional por Educação de Qualidade para Meninas Quilombolas, organizada pela Escola Nacional. A carta foi entregue, em maio de 2023, em atividade organizada pelo **Fundo Malala**, pelas meninas quilombolas à **Malala Yousafzai** e, posteriormente, foi lida em audiência com o Ministro da Educação, com a participação da ativista Malala.

Gostaria de assistir o vídeo carta?

Aponte a câmera do seu celular para o QR-CODE



Ficha técnica

Coordenação:

Givânia Maria da Silva, Cleane Silva e Élide Lauris

Equipe da Escola Nacional de Formação de Meninas Quilombolas:

Agnes Carina, Aparecida Mendes, Cleane Silva, Élide Lauris,
Givânia Maria da Silva, Inyanne Regina, Jhonny Martins, Letícia Queiroz,
Sandra Andrade, Sarah Fogaça e Vanessa Rocha

Equipe da Negra Anastácia:

Jhonny Martins de Jesus (Diretor-Presidente),
Sandra Andrade (Diretora de Finanças), Katia Penha (Diretora de Projetos)
e Célia Cristina da Silva Pinto (Diretora Administrativa)

Coordenação-executiva da CONAQ:

Ana Maria Cruz, Célia Cristina da Silva Pinto, Celso Araújo, Denildo Rodrigues,
José Alex Borges, José Carlos Galiza Guerreiro, Maria Aparecida Sousa,
Maria Rosalina dos Santos, Sandra Braga, Sandra Maria da Silva Andrade,
Laura Ferreira, Valmir dos Santos e Mário Campos Júnior

Fotografia:

Letícia Queiroz e Fundo Malala

Projeto gráfico e diagramação:

Márcio Matos dos Santos



ESCOLA NACIONAL DE
FORMAÇÃO DE
MENINAS QUILOMBOLAS



APOIO:

MALALA
FUND

WWW.CONAQ.ORG.BR